
SESSÕES DO PLENÁRIO

20ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 25 de maio de 2009.

PRESIDENTE: DEP. MARCELO NILO

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a sessão especial, proposta pelo nobre deputado Carlos Ubaldino, em comemoração ao Dia do Enfermeiro.

Para compor a Mesa, convido: meu querido amigo, proponente da sessão, deputado Carlos Ubaldino; meu querido amigo secretário da Saúde do Estado da Bahia, Jorge Solla; a Srª Assistente Social do Hospital Octávio Mangabeira, professora Virgínia Perrucho; a Srª Coordenadora do Curso de Graduação de Enfermagem da Unime, Márcia Perrucho; a Srª Coordenadora do Projeto Cultural do Museu Nacional de Enfermagem do Hospital Ana Nery, Ednelza Feitosa Soares e a Srª Professora de Enfermagem da Unime e do ISBA, Ceres Moraes. (Palmas)

Gostaria de registrar as presenças do Líder do governo, deputado Waldenor Pereira, do PT e do deputado Getúlio Ubiratan, do PMN. (Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Convido o deputado Carlos Ubaldino, proponente desta sessão, para fazer o seu pronunciamento.

O Sr. CARLOS UBALDINO:- Mui digno presidente desta Casa, deputado Marcelo Nilo; meu querido amigo secretário, Jorge Solla; Senhora Assistente Social do Hospital Octávio Mangabeira, Virgínia Perrucho; Senhora Márcia Perrucho, coordenadora do curso de graduação da Unime; Srª Coordenadora do Projeto Cultural, Ednelza Feitosa; Senhora Presidente do Corem; Srs. Deputados, enfermeiros, técnicos de enfermagem, auxiliares, amigos que nos prestigiam com suas valiosas e magníficas presenças nas Galerias Paulo Jackson, propiciou Deus este dia na história da enfermagem no Estado da Bahia. Seria um lapso de nossa parte não mencionar aqui o nome do meu querido amigo, superintendente de obras do Estado da Bahia. Dr. Fernando, representando a Sucab.

Senhores, dentro de mim existia um desejo de ver este dia chegar. Serei sucinto na minhas palavras, mas espero que todos os senhores e senhoras compreendam. Meu grande Líder do governo do Estado da Bahia, deputado Waldenor Pereira que, com muita eficiência, distribui os trabalhos desta Casa, fazendo acontecer os anseios do povo deste Estado. No dia 13 de dezembro de 1814, uma luz começou a brilhar na face da terra. Nasceu Ana Nery e com ela, a vocação de servir ao próximo. Por isso, a sua história, meu querido presidente, ficou nos anais do Estado da Bahia.

Senhores Enfermeiros, Enfermeiras e Técnicos de Enfermagem. Outro dia,

Solla, eu fazia um pronunciamento na Comissão de Saúde, da qual faço parte, e dizia que a categoria estava sendo crucificada de cabeça para baixo, como Pedro foi crucificado.

Observa-se que o enfermeiro e a enfermeira se expõem a riscos, mas procuram dar de si o melhor para o seu semelhante, para o ser humano. E faz com que o ser humano não possa omitir o que é mandamento divino, quando Ele diz: “O cumprimento da lei é amar o próximo como a si mesmo”.

Se eu pudesse perguntar a esta terra, ela me contaria minuciosamente quantas lágrimas, quantos passos, quantas palavras de incentivo antes de ir para a Guerra do Paraguai, de 64 a 70, eu creio que Ana Néri é um espelho para todos nós. Senhores e senhoras, por isso achei por bem propor esta sessão, meu querido presidente, para que possamos aqui traçar metas, discutir um piso salarial digno para que esta categoria desprovida seja contemplada como as demais no Estado da Bahia. (Palmas.)

Senhores, como disse que seria sucinto nas minhas sucintas palavras, Sr. Presidente, observa-se que há muito a jornada de trabalho do enfermeiro, da enfermeira de 44 horas, o enfermeiro que cuida do seu semelhante e, dentro desse contexto, oito horas de serviço, ele tem que se preocupar também para cuidar de si, para estar muito bem para cuidar de alguém.

Quero encerrar as minhas palavras parabenizando a todas vocês e a todos vocês. Meu querido Marcelo Nilo, aqui quero registrar meu apreço pela boa vontade de V.Ex^a em ver esta sessão acontecer, quero parabenizar os meus pares, companheiros deputados que marcam presença aqui nesta Casa, vejo ali também neste momento o nosso muito digno diretor José Mário, do Hospital Dom Rodrigo de Menezes, mas aqui fica o nosso registro. Quando Cristo palmilhava um caminho, Ele chegou numa estalagem e os malfeitores, salteadores, pegaram um homem e deixaram-no meio morto, levando-o para a estalagem Ele pegou o óleo e untou as feridas. É isso que vocês fazem, procurando amenizar a dor de alguém. Ele chamou o proprietário e disse: “Cuidem dele, que quando eu voltar, te pagarei tudo que se fizer necessário”.

Srs. Enfermeiros e Sr^{as} Enfermeiras, parabéns pela linda e maravilhosa profissão que escolheram. Tenho certeza de que o gesto de reconhecimento vai estar no coração dos deputados federais em Brasília, principalmente no daquele que, em 2000, apresentou um projeto de lei mostrando que se fazia necessário trabalharmos pela redução da carga horária de vocês.

Tenho certeza também, meu querido Waldenor, que assim como Ele disse, cuidem, façam acontecer, tratem desta pessoa que quando eu voltar te pagarei tudo o que se fizer necessário, aqui fica a minha palavra de alento, apreço e carinho aos senhores. Trabalhem com alegria, e tenho certeza de que iremos mudar esta página, pois iremos para o embate e vamos trabalhar. Mas, se isso não ocorrer, saibam de uma coisa: o amor, o carinho Daquele que me criou e criou-os irão recompensar a todos vocês. Um abraço!

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Gostaria de registrar a presença do deputado estadual pelo PP Aderbal Fulco Caldas.

Para proferir a conferência magna sobre Agentes Políticos para Transformação

da Sociedade, convidamos a assistente social do Hospital Octávio Mangabeira, professora Virgínia Perrucho, pelo tempo de 15 minutos.

A Sr^a VIRGÍNIA PERRUCHO:- Boa-tarde a todos!

Gostaria de saudar não só os profissionais e os técnicos de enfermagem pelo transcurso do Dia do Enfermeiro mas também os deputados que formalizaram esse convite para pôr em debate questões tão importantes e relevantes para a categoria da enfermagem como elemento do segmento da saúde.

Gostaria de saudar ainda a Mesa na pessoa do secretário, do Dr. Carlos Ubaldino e dos demais demais componentes e agradecer também a oportunidade de trazer à reflexão e à discussão, como profissional da área social, sobre o ativismo e a transformação social, a pedido da professora Márcia.

Sou professora e tenho uma trajetória, como profissional de Saúde, dentro do movimento de tuberculose. Hoje, faço parte do Fórum Baiano de Combate à Tuberculose, entidade que congrega um segmento do governo. Os programas de combate à tuberculose congregam também representações da sociedade civil, como o Comitê de Combate à Tuberculose da Região Metropolitana, e vimos trabalhando, ao longo de 2 anos, a importância da participação da sociedade, dos profissionais de saúde no ativismo social e no debate sobre as questões de saúde que dizem respeito não apenas àqueles que estão afetados pela doença mas também a todos nós.

Então, trouxe um *slide* e gostaria que alguém pudesse apresentá-lo, porque, resumindo tudo isso, vamos falar de cidadania. Ponho ali agentes políticos para transformação social, ampliação da participação profissional. Esse palavreado todo nos conduz a pensar em cidadania.

Neste *slide* trago alguns questionamentos: agentes políticos quem são? Onde estão? Todos somos. Todos nós temos importância, um papel relevante na ativação dos processos de transformação social. E aí pensei um pouco na cidadania, do ponto de vista da origem e fui buscar a explicação, posta como provável, de que a palavra cidadão está associada ao surgimento da cidade, que, na Grécia Antiga era chamada de pólis, e ali os homens livres participavam da vida política, debatiam direitos e deveres. Então o exercício da cidadania dizia respeito à atuação do homem livre na esfera pública, naquilo que é comum a todos. Sendo uma relação de iguais, essas decisões em torno da vida pública eram tomadas pela persuasão, pelo uso da palavra, sem violência e com espírito democrático. Entretanto essa democracia era restrita, uma vez que apenas homens livres poderiam participar da vida política. Assim, mulheres, escravos, presos de guerra e crianças não tinham participação nessas decisões tomadas em praça pública.

Eu trouxe hoje uma reflexão sobre cidadania. Coloquei ali no *slide*: “De que cidadania nós falamos?” Diferentes grupos sociais debatem esse tema, mas será que todos chegam às mesmas conclusões? Será que a cidadania que compreendo é mesma que está sendo entendida e encaminhada pelos outros?

Do ponto de vista jurídico, ser cidadão é ter direito ao voto. Quando completamos 18 anos, estando civilmente identificado, devemos nos alistar nas zonas eleitorais para assim podermos exercer o direito de votar e ser votado. Essa é a cidadania formal perante a lei. Todavia, sem condições políticas, econômicas, sociais e culturais, de fato, podemos falar em cidadania? Como colocar cidadania nas

condições que vemos em nosso País, em nosso Estado e em nosso Município?

Fui buscar a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, na qual formalmente se colocou, pela primeira vez, o termo direitos coletivos. Até então tínhamos a Carta de Direitos de 1776, nos Estados Unidos, e a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, oriunda da Revolução Francesa. Esses textos defendiam os direitos individuais, que naquela época estavam em processo de construção.

Em 1948, com essa Declaração dos Direitos Humanos, passamos a ter uma defesa efetiva disso com um texto que hoje está presente na maioria das legislações modernas, que diz que todos os homens são iguais perante a lei, sem discriminação de raça, credo ou cor. É um enunciado que vamos encontrar em toda a legislação moderna. E, modernamente, conseguimos ver esses cidadãos.

Ser cidadão é ter direitos, mas também é ter deveres.

Fiz uma listagem de direitos do cidadão, que seriam: domínio sobre o seu próprio corpo e sobre a sua vida; acesso ao trabalho e um salário condizente a ele; direito à habitação, saúde e lazer; direito à livre expressão e à militância em sindicatos; direito à filiação a partido político; direito de participar dos movimentos sociais e de lutar por seus valores.

Já em relação aos deveres, encontramos: fomentar a existência dos direitos – ou seja, além do direito de exercer, há também o dever de estimular, fomentar e garantir esses direitos; a responsabilidade em conjunto pela coletividade, o dever de cumprir normas e propostas elaboradas e decididas coletivamente, ou por representação, como nesta Casa, fazer parte dos governos, direta ou indiretamente, ao votar, ao pressionar através dos movimentos sociais, ao participar dos colegiados de gestão e etc.

Aqui, começa de fato a fala que eu trouxe a pedido da professora Márcia:

“Só existe cidadania se houver a prática da reivindicação, da apropriação de espaços, da luta, da pugna, para fazer valer os direitos dos cidadãos. Nesse sentido, a prática da cidadania pode ser uma estratégia, por excelência, para a construção de uma sociedade melhor.”

Então, pensando na prática da reivindicação eu levantei três aspectos. Para que se possa, de fato, exercer a cidadania, do ponto de vista da reivindicação, é preciso que esteja assegurado o direito de reivindicar, isso é necessário. Estamos em um estado de direito e nele as pessoas podem se manifestar, expressar a sua vontade e a sua opinião sem nenhuma espécie de repressão. É preciso também que toda a população tenha conhecimento de seus direitos. E, aqui, eu pergunto aos senhores: todos os cidadãos têm conhecimento dos seus direitos? Que parcela, que segmento, poderíamos identificar? Será que poderíamos dizer que 20%, 30%, 40%, 50% dos cidadãos que conhecemos, de fato, sabem dos seus direitos? Há, inclusive, no mundo jurídico, a exigência de que ninguém se escuse de conhecer o seu direito, porque ele estaria publicizado e, estando publicizado, ninguém pode dizer que não conhece, ele já não poderia usar isso em sua defesa.

Mas de fato nós, que estamos trabalhando, especialmente o profissional de saúde, eu, muito especialmente, como profissional do serviço social, posso dizer aos senhores que os cidadãos desconhecem, em sua maioria, os direitos que têm. E como alguém pode exercer cidadania, ir buscar direitos que desconhece? Se ele não se reconhece como cidadão de direitos, vai buscar o quê?

Ainda que as pessoas pensem a cidadania não apenas como direitos a receber. Isso é muito importante, porque existe uma tendência, nos últimos 15 a 20 anos, a pensar cidadania apenas como direitos a acessar, direito à saúde, direito à educação, direito à escola, ao bolsa isso, bolsa aquilo, mas temos visto muito pouco debate sobre o exercício do dever. Como direitos a receber, os próprios cidadãos como agentes para a conquistas desses direitos. Aqui, começa o debate que eu vim propor. Não vou ficar para esse momento, mas espero poder estar provocando.

A cidadania, enquanto prática da reivindicação, pode ser contraposta à transformação social pela ação dos trabalhadores. Então, eu gostaria de trazer aqui que cidadania, enquanto conceito, enquanto categoria teórica, é o conjunto de direitos e deveres. Mas, também, porque somos seres históricos e estamos vivendo uma sequência de momentos, ela também se contrapõe à situação concreta dos trabalhadores, o que exige uma leitura crítica, uma leitura histórica, que revele, que desvele que existem muitas contradições entre capital e trabalho, que existe uma pugna entre quem detém a força de trabalho e quem paga por ela, resultando na desigualdade e implicando em transformações diárias e permanentes em nossa sociedade.

E as diferentes concepções de Estado neste sistema capitalista em que vivemos, colocando direitos, ampliados a partir da década de 80, também precisam ser levadas em conta. Isso significa dizer que falar de cidadania não pode ser apenas retórica. Precisamos tocar nas feridas, falar daquilo que é complicado do ponto de vista vivencial. Porque o cidadão que está desempregado, que vive em condições precárias, o trabalhador que recebe por seu trabalho um salário que não é compatível com a manutenção de sua existência, com sua qualificação, não pode, de fato, ser cidadão e nem ajudar alguém a exercer sua cidadania.

Como disse antes, trazemos o exercício da cidadania como estratégia para a transformação social. E eu trouxe aqui fatores, elementos que pesam muito nesse exercício. Dentre eles a ação dos sujeitos, ou seja, os desejos e necessidades de cada um, pois suas subjetividades interferem muito no exercício da cidadania. Ainda a ação dos grupos em conflito, ou seja, dos segmentos que compõem a sociedade, cada um com seus interesses e também a partir de suas necessidades irá interferir bastante no exercício da cidadania.

E, claro, as condições globais da sociedade. Porque, historicamente, nos últimos anos, vivemos um reverberar de problemas que começam nos chamados países centrais em desenvolvimento e vêm tocar aqui nos países ditos periféricos. Não podemos nos furtar a sofrer as consequências do desenvolvimento capitalista.

Trago a posição de uma autora, Maria de Lourdes Manzini Couvre. Ela diz que a revolução por uma sociedade melhor passa pela revolução na subjetividade das pessoas, no eu de cada um. Na contribuição que cada um, como indivíduo, quer e se coloca na disposição de dar.

Trago as dimensões desta revolução, dimensões que seriam: romper com a alienação. E ela chama a atenção para as diversas formas de alienação e, principalmente, para esse processo de consumismo, em que abraçamos tudo que nos vem de fora sem qualquer avaliação como necessário para a sobrevivência; também o resgate do desejo da identidade de cada um com aquilo que realiza; e a necessidade de existir um processo educativo para a cidadania, porque quem não se reconhece como

cidadão de direitos não poderá exercer de fato sua cidadania. Então é preciso que caminhemos em direção a uma educação para a cidadania.

Para além daquilo que é subjetivo, há a necessidade de organizarmos estruturalmente a classe trabalhadora. Aqui, trago uma colocação sobre a classe trabalhadora, que, para existir, deve construir-se no desenvolvimento das próprias reivindicações de lutas no interior das fábricas, nos bairros, ou nos movimentos sociais, nos conselhos nas entidades representativas da categoria. Os diferentes espaços de representação precisam ser ocupados pelos cidadãos.

E convoco todos vocês: enfermeiros, estudantes, técnicos, auxiliares a ocuparem esses espaços, que são espaços para o exercício da cidadania. Não podemos esperar um momento específico de luta. Temos que transformar as entidades da categoria, temos que transformar esse espaço aqui em um espaço nosso. Esta é uma Casa do Povo e precisamos acostumar-nos a ocupá-la.

Muito obrigada.

(Não foi revisto pelo oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Concedo a palavra ao secretário da Saúde, Dr. Jorge Solla.

O Sr. JORGE SOLLA:- Boa-tarde a todos e a todas.

Queria saudar o presidente da Assembleia Legislativa, o nosso amigo deputado Marcelo Nilo, o deputado Carlos Ubaldino, proponente desta sessão, e parabenizá-lo pela iniciativa, a nossa colega professora Virgínia Perrucho, assistente social do Hospital Octávio Mangabeira, Márcia Perrucho, coordenadora do curso de graduação de Enfermagem da Unime, nossa amiga de outras jornadas, Ednelza Feitosa Soares, coordenadora do projeto cultural do Museu Nacional de Enfermagem do Hospital Anna Nery, a professora Ceres Moraes, da Escola de Enfermagem da Unime e do ISBA, o Líder do governo, o nosso companheiro deputado Waldenor Pereira, os demais companheiros aqui presentes, contando com a presença também da dirigente do Sindsaúde, Enalva, e demais deputados que se encontram nesta Casa.

Eu queria parabenizar a iniciativa do deputado Carlos Ubaldino e todos os enfermeiros pela passagem do Dia do Enfermeiro no último dia 12. Acredito que é muito importante criarmos espaços como este na Assembleia Legislativa para discutir a evolução e a presença na sociedade de categorias profissionais como a da enfermagem – e a importância que tem aumenta a cada dia no nosso País.

Primeiro, quero registrar que cada vez é mais ampla a participação da enfermagem no sistema de Saúde. Não só em termos numéricos, quantitativos, há presença marcante dela, mas eu diria até em termos qualitativos na medida em que novas responsabilidades, novos postos de trabalho, novas tarefas para o profissional de enfermagem têm surgido, em especial nos últimos 20 anos com o Sistema Único de Saúde.

Eu estava ali sentado me lembrando quando passei no concurso para a secretaria do Estado e assumi a minha primeira tarefa dentro da rede do Estado, fui trabalhar numa unidade de saúde, foi no primeiro Centro de Saúde, deputado Carlos Ubaldino, em Salvador, e teve uma enfermeira como diretora. Foi no primeiro Centro de Saúde, e isso não está muito longe, não, há 20 anos. Nesses postos de trabalho, a direção de

postos de saúde, de hospitais, secretarias de saúde, direção e gestão do sistema de saúde eram em geral ocupados apenas por médicos. E nos últimos 20 anos a gente tem visto uma ampliação muito grande em várias outras categorias profissionais, mas em especial para o profissional de enfermagem, e isso tem sido muito interessante.

Recentemente, eu estava vendo dados, a maioria dos secretários municipais de saúde hoje no Estado da Bahia são enfermeiros. Então, isso coloca cada vez mais, como falei, não só uma presença em termos quantitativos, mas aumenta a responsabilidade dos profissionais de enfermagem, seja no atendimento individual, que também tem-se ampliado a participação da enfermagem com uma série de novas tarefas que a cada dia vem-se colocando, quanto na atuação no que diz respeito à saúde coletiva e às tarefas de gestão do sistema de saúde.

Esse é um ponto importante que eu queria ressaltar neste momento em que, nesta sessão, a gente comemora a passagem do dia e da semana da enfermagem.

Queria também aproveitar, estando na Assembleia, para saudar o nosso amigo Tasso Franco e todos os profissionais de imprensa que estão no momento, participando desta sessão. Não poderíamos deixar de aproveitar a oportunidade, deputado Marcelo Nilo, para agradecer aos deputados estaduais, todos eles, mas, especialmente ao deputado Marcelo Nilo como presidente da Assembleia e ao deputado Waldenor Pereira como líder do governo, a aprovação, no início deste ano, do plano de cargos, carreiras e vencimentos dos servidores da Secretaria de Saúde do Estado.

Acho que foi uma conquista importante para todos os trabalhadores da saúde. Quando assumimos a tarefa, a convite do governador Wagner de estarmos à frente da Secretaria de Saúde do Estado, encontramos mais de cinco mil profissionais de saúde no Estado, com direito, mas sem receber insalubridade. Encontramos reivindicações antigas de mais de dez anos do movimento sindical, especialmente do Sindsaúde frente as grandes disparidades nas gratificações, o mesmo profissional e aqui citando a enfermagem, o mesmo enfermeiro com o mesmo tempo de serviço, com a mesma jornada de trabalho, dependendo do hospital onde atuava, poderia receber gratificações, três, quatro, cinco vezes maiores do que em outras unidades, não em função da dedicação, do compromisso do profissional ou das metas alcançadas, mas apenas em função do perfil daquela unidade no que diz respeito a incorporação de procedimentos, que, pelas normas que haviam sido criadas, incorporavam mais valor à gratificação que os profissionais recebiam.

Com esse plano de carreira que foi aprovado aqui na Assembleia, conseguimos reduzir essas diferenças, melhorar muito as gratificações da maior parte dos trabalhadores, reduzir as desigualdades e permitir, inclusive, que hoje um profissional possa, em função da sua necessidade, do seu perfil, da sua especialidade ou até mesmo da necessidade de serviço, sair de uma unidade e trabalhar em outra sem ter perdas na sua remuneração ou dos seus direitos.

Acho, também, o fato de termos hoje um plano de carreira, cargos e vencimentos que vai permitir, obviamente na continuidade da atuação profissional agregar vantagens que dizem respeito ao tempo de serviço, que dizem respeito à qualificação. Isso vai ser um estímulo na qualificação dos profissionais.

Então, não posso deixar aqui de registrar, nesta oportunidade, a importância desse plano de carreira, cargos e vencimentos para o conjunto dos trabalhadores de

saúde e agradecer, mais uma vez, a atuação da Assembleia Legislativa que garantiu essa aprovação.

Queria, também, registrar com vocês a satisfação, sei obviamente, que as vantagens salariais são fundamentais, as vantagens de carreira são imprescindíveis, mas não são apenas essas questões que motivam o trabalhador da saúde. Boas condições de trabalho, boa capacidade para atender ao usuário, atender ao paciente, acho que essa é uma questão fundamental.

E nesse âmbito, também, queria dividir com vocês a importância das medidas que o governador Jaques Wagner tem tomado na rede pública do nosso Estado. Recebemos uma rede e por mais, - deputado Marcelo Nilo - que critiquem, porque falo da herança maldita, não posso deixar de citar que encontramos a rede de hospitais estaduais completamente sucateada neste Estado. Todos os hospitais da rede estadual estão sendo reformados, todos eles, alguns como o Cleriston Andrade, em Feira de Santana, está tendo necessidade de reformar todos os ambientes daquela unidade hospitalar, todos eles estão sendo reformados, vários deles estão sendo ampliados, a maioria deles está recebendo equipamentos hospitalares para suprir suas necessidades.

E mais, o sucateamento não foi só do ponto de vista da estrutura física, deputado Carlos Ubaldino, ou de equipamentos, foi também do ponto de vista de recursos humanos, de forma que já contratamos, em apenas dois anos e quatro meses mais de dez mil postos de trabalho para suprir as necessidades dessas unidades. E grande parte deles, profissionais da enfermagem, porque a lacuna existente era muito grande nessas unidades.

E essas unidades que estão sendo reformadas, ampliadas junto com novos hospitais, inauguramos no ano passado um grande hospital em Irecê; neste ano vamos inaugurar o hospital de Juazeiro; vamos colocar em funcionamento o hospital de Santo Antônio de Jesus, neste momento em que o presidente Lula está em Cachoeira com o governador Wagner, inaugurando as instalações, naquele município, da Universidade Federal do Recôncavo.

Queria registrar que o Hospital de Santo Antônio de Jesus vai ser o Hospital Universitário da Universidade Federal do Recôncavo, importante também para a formação de novos enfermeiros em nosso Estado naquela nova Universidade Federal, e estamos construindo o Hospital da Criança em Feira de Santana e o Hospital do Subúrbio aqui em Salvador. O Hospital do Subúrbio vai ser o primeiro hospital de emergência construído em nossa capital depois de 20 anos sem investimentos, para ampliar o atendimento de emergência em Salvador, enquanto aumentou a população de nossa capital e do nosso Estado quando as necessidades de atendimento se ampliaram.

Então, tudo isso são investimentos importantes que melhoram a capacidade dos profissionais de saúde ao atenderem a população, e obviamente o pessoal de enfermagem também ganha em condições de trabalho. Todos os hospitais da rede estadual, hoje, estão completamente abastecidos de medicamentos, materiais, todos os insumos.

Sei que ainda a demanda é muito grande, mas tive na semana passada a satisfação de estar com o deputado Carlos Ubaldino, deputado Néelson Leal, presidente da Comissão de Saúde, e outros parlamentares visitando o Hospital Geral do Estado, e

tivemos oportunidade de discutir este assunto, quando eu mostrava os dados de que a demanda reprimida é grande em nosso Estado, porque não ocorreram os investimentos para ampliação da rede. Estão sendo feitos agora, nesses quatro anos do governo Wagner. Além de reformar todas as unidades, nós estamos construindo e vamos entregar mais de mil novos leitos hospitalares em hospitais públicos estaduais. Isso representa, deputado Waldenor, mais de 20% de toda a rede hoje existente, a ampliação que vai ser feita nesses quatro anos. E não é só a rede hospitalar pública estadual. Nós estamos investindo para melhorar as condições de trabalho, também, na atenção básica.

Um projeto ambicioso, eu diria até ousado, do governador Wagner, de construirmos e entregarmos à população do nosso Estado 400 novas unidades de saúde da família para atender melhor na atenção básica, isso significa 400 novos postos de trabalho para enfermeiros; 400 novos postos de trabalho para médicos; algo em torno de 800 a 1200 postos de trabalho para auxiliar de enfermagem; 400 postos para odontólogos; 400 postos para auxiliar de consultório dentário e atendimento para milhares de cidadãos, ampliando a atenção básica. Dessas 400 unidade quase 300 delas já foram ou entregues ou já estão em construção, de forma que até o final do próximo ano vamos ter a maior ampliação não só da rede hospitalar neste Estado, em toda sua história, como também a maior ampliação da rede básica de saúde.

E paralelo a isso, falando de saúde da família, para encerrar, queria registrar a satisfação de termos, há três semanas, na abertura da Mostra Estadual de Saúde da Família, acompanhado a instituição da Fundação Estatal Saúde da Família, que é outro projeto que também teve o apoio da Assembleia Legislativa, quando em dezembro de 2007 foi aprovada lei estadual que criou a possibilidade de serem implantadas as fundações estatais na área de saúde aqui na Bahia, e de forma pioneira no Brasil a Bahia institui uma fundação que nasce com a aprovação de 237 prefeitos, entre os 417 municípios; já nasce sendo instituída com aprovação de leis em 69 câmaras de vereadores, e essa fundação está programado para o segundo semestre, pela primeira vez aqui na Bahia, na verdade em todo o país, concurso público para médicos, enfermeiros e odontólogos para o Programa Saúde da Família, estamos criando uma carreira para esses profissionais.

Os profissionais, hoje, que atuam na saúde da família na maior parte dos nossos municípios, que são pequenos e têm poucos postos de trabalho, trabalham em um município algum tempo e depois sai, vai para outro, sem nenhuma perspectiva de carreira, de continuidade e estabelecimento de vínculo. Isso é ruim para o trabalhador da saúde que não tem os seus direitos garantidos, que não se vê, no futuro, enquanto profissional na atenção básica e no saúde da família, é ruim para quem está na gestão, seja secretário municipal ou prefeito, que não sabe até quando vai contar com aquele profissional e não sabe como vai substituí-lo. E pior ainda para a população, que muitas vezes não consegue ter nem um tempo mínimo para haver um vínculo dele com ela, do usuário com o profissional da Saúde.

E esse projeto, temos certeza, vai revolucionar a carreira para os profissionais do setor da Saúde na atenção básica e criar oportunidade para cada vez mais fortalecê-la, assim como ao papel do enfermeiro no Saúde da Família, na assistência ao nosso povo.

No mais, parabeno novamente a iniciativa do deputado e saúdo todos os enfermeiros presentes, os representantes das entidades e das escolas que estão e têm

dados grandes contribuições, pois a cada ano nossas escolas estão mais preparadas para formar profissionais cada vez mais adequados às necessidades do Sistema Único de Saúde.

Desejo a todos vocês sucesso, aos atuais e futuros profissionais e àqueles que têm contribuído para o SUS em nosso Estado. Um grande abraço. (Palmas)
(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Ouviremos agora a cantora Quésia Lopes, acompanhada do saxofonista Atas Santana e do tecladista Calé de Santana para apresentar um louvor.

Antes, gostaria de convidar a Srª Presidente do Diretório Acadêmico da Unime, Viviane Andrade, como também a Srª Diretora do Sindsaúde, Enalva Fontenelle, para comporem a Mesa. Gostaria também de convidar o pastor Joaquim Marques, representante da Assembleia de Deus, para compô-la. (Palmas!)

Gostaria de registrar que o secretário da Saúde, Dr. Jorge Solla, vai precisar ausentar-se, tendo em vista compromisso assumido anteriormente. Eu agradeço a sua presença. É uma honra para o Parlamento tê-lo aqui neste Plenário.

(Apresentação musical.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Gostaria de registrar as presenças do ex-prefeito de Olindina, Alex, como também do vereador Carlos Ubaldino Filho e da vereadora Bianca. Quer dizer que V.Exª tem um filho vereador. V.Exª vai longe. (Palmas)

Convido a Srª Coordenadora do Projeto Cultural do Museu Nacional de Enfermagem, do Hospital Ana Nery, Ednelza Feitosa Soares.

A Srª EDNELZA SOARES:- O nosso boa-tarde, e na pessoa do presidente da Assembleia Legislativa, deputado Marcelo Nilo e do proponente da sessão, deputado Carlos Ubaldino, saúdo a todos os membros da Mesa.

Que o pedir permissão ao Sr. Presidente e à Mesa para quebrar o protocolo, a emoção é muito grande, porque gostaria de antes da minha fala dar um abraço no deputado Carlos Ubaldino porque, realmente, são poucos profissionais da política que se lembram do enfermeiro, daquele que cuida de quem está sofrendo.

(A Srª Ednelza Feitosa Soares abraça o deputado Carlos Ubaldino) (Palmas)

A Srª EDNELZA SOARES:- A enfermagem evoluiu muito nos últimos anos. Novas técnicas surgiram, novos procedimentos foram implantados, mas uma coisa continua a mesma: a essência do cuidar.

Enfocando desde as técnicas rudimentares dos nossos ancestrais, passando pelos primeiros socorros prestados por Ana Nery na Guerra do Paraguai, até as evoluções científicas dos dias de hoje, a enfermagem preserva a dádiva da solidariedade. Por isso o Museu de Enfermagem Ana Nery vai levar ao público não apenas os avanços do nosso ofício no Brasil e no mundo, mas mostrará a trajetória daqueles que fizeram da enfermagem mais que uma profissão, o dom de cuidar.

Hoje, tivemos a oportunidade de fazer uma palestra no Hospital Português onde havia pessoas de outros países que já levaram o nosso modelo para o seu país.

Sede e investimento. O Museu Nacional de Enfermagem Ana Nery terá a sua sede no Centro Histórico da cidade do Salvador. A recuperação e a adaptação física do

imóvel foi iniciada com recursos próprios do Cofen e doações dos Corens, sendo continuada com recursos oriundos da lei da cultura, Lei Rouanet, através do Ministério da Cultura, e captação de recursos da iniciativa privada.

O projeto cultural do Museu Ana Nery já foi registrado no Ministério da Cultura. Tivemos o privilégio de, no mês de abril, ter a sua aprovação com muita honra como projeto cultural, porque ele traz muitas modificações modernas para a população. Talvez, seja o primeiro do Brasil nessa modalidade.

A implantação do Museu de Enfermagem Ana Nery foi uma iniciativa do conselho federal assumida em junho de 2005 pela Associação dos Amigos do Museu da Enfermagem Anna Nery, AMAN, a qual fora qualificada pelo Ministério da Justiça como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público. É uma OSCIP, em conformidade com a lei 9.790/99, e desde 27 de junho de 2008 é gestora da instituição. Realmente é uma OSCIP que vai gerenciar o museu.

O museu está sendo concebido para ser um espaço dedicado à preservação da história, mas sobretudo ao fomento da fusão da evolução da profissão rumo ao futuro desta forma de explorar de uma biblioteca para pesquisas informatizadas e documentais, auditórios, realizações de palestras, seminários bem como espaços expográficos permanentes e temporários.

A vida de Ana Nery será pontuada dentro da história da enfermagem mundial e brasileira retratada em destaque a perseverança desta mulher na prática do cuidado ao próximo. Homenagear a sua coragem e dedicação também é um tributo aos milhares anônimos profissionais que colocam em prova o seu heroísmo todos os dias.

A exposição do Museu Nacional de Enfermagem Ana Nery possibilitará ao visitante ter uma visão geral dos modos de cuidar desde os primórdios. As técnicas e as crenças dos personagens serão retratados ao longo dos séculos culminando com o estabelecimento e a consolidação da enfermagem como profissão a partir do século XVIII.

A expografia e as atividades do Museu Nacional de Enfermagem foram concebidas procurando respeitar públicos diversos como indivíduos com limitações motoras, visuais, auditivas e mentais, isto é, tendo elevador e rampas para que eles possam se locomover com mais facilidade.

O objetivo geral do museu é pesquisar, preservar e comunicar as ações empreendidas por Ana Nery, patrimônio histórico e cultural da Nação brasileira, analisando e interagindo com as práticas desenvolvidas pela enfermagem no Brasil e no mundo, buscando contribuir sócio e educativamente junto às diversas comunidades da Bahia e do Brasil.

O público alvo são os estudantes, profissionais da área da saúde, visitantes do Centro Histórico de Salvador-Bahia. Realmente, é uma área onde se recebe bastante turistas e lá é onde está sediado o museu na rua João de Deus, nº 5. Esperamos ter uma média de sete mil visitantes por ano.

O fortalecimento e a disseminação do âmbito nacional e internacional do patrimônio cultural de Ana Nery e suas realizações. Valorização da cidadania. Capacitação de treinamento para comunidade em geral das áreas de saúde, educação, museologia dentre outras. Valorização do patrimônio cultural nacional e local. Respeito e fortalecimento da identidade cultural e da diversidade desenvolvendo ações culturais

e educativas estarão sendo reformuladas atreladas ao ato de cuidar que envolve a nossa profissão. Desenvolvimento e intercâmbio internacional com instituições de saúde e da museologia e da própria enfermagem.

Aqui há o cenário museológico. A concepção do Museu Nacional de Enfermagem Ana Nery está aliada com a nova política nacional de museus. Realmente, no mundo inteiro, não havia leis que dessem diretrizes aos museus. Da década de 1970 para cá, isso vem acontecendo. E no outro governo, onde tinha o ministro cantor Gilberto Gil, foi ele quem teve a iniciativa de, realmente, fazer esta estrutura. Então, nós estamos, realmente, organizados dentro da nova política de museologia.

O patrimônio cultural é o referencial básico para o desenvolvimento das ações museológicas. Consideramos que os processos gestados ao longo dos anos contribuíram, de modo efetivo, para a ampliação do conceito com a relação do homem com o meio, ou seja, a sua totalidade material, natural e cultural e suas dimensões do tempo e do espaço.

Realmente, é como se inicia a Política Nacional de Museus em 2003.

Aqui é uma homenagem à viúva e proprietária de terras e bens Ana Justina Ferreira Nery. Ela tinha tudo para levar uma vida pacata em Cachoeira do Paraguaçu, mas, ao ver seus filhos e irmão deixarem seus lugares para lutar na Guerra do Paraguai, percebeu que também tinha uma missão a desempenhar.

Despertando-lhe a vocação, ofereceu-se como voluntária para integrar o Corpo de Saúde do Exército Brasileiro. Sem fazer distinção de nacionalidade ou sexo, cuidou dos feridos, operou melhora nos hospitais de campanha, permanecendo na sua batalha pessoal até o fim da guerra. Assim nascia o maior ícone da inspiração da enfermagem brasileira.

Realmente, ainda temos o Projeto do Museu, mas não sei se ainda há tempo para que possamos passar.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Pode passar. Vamos aguardar. Como está sendo uma boa palestra, pode prosseguir.

A Sr^a NEUSA SOARES:- Vamos pôr o vídeo e gostaríamos de deixá-lo para fazer parte dos Anais da Casa, onde a enfermagem esteve presente com tanto carinho, tanta seriedade e tanto brilhantismo nesta sessão.

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Gostaria de registrar a presença da nobre deputada Maria Luiza Barradas Carneiro.

Convido para fazer uso da palavra o Líder do governo, deputado Waldenor Pereira.

Passo a presidência ao deputado Carlos Ubaldino.

O Sr. WALDENOR PEREIRA:- Sr. Presidente desta Casa Legislativa, deputado Marcelo Nilo, deputado Carlos Ubaldino, proponente desta sessão especial, a quem parabeno de imediato; quero saudar, ainda que na ausência, o secretário da Saúde do Estado, Dr. Jorge Solla, nosso companheiro e amigo, cumprimentar a Sr^a Assistente Social do Hospital Otávio Mangabeira, professora Virgínia Perrucho; a coordenadora do curso de graduação em Enfermagem da Unime, Márcia Perrucho; a

Sr^a Coordenadora do Projeto Cultural do Museu Nacional de Enfermagem do Hospital Ana Nery, Edneuza Feitosa Soares; a Sr^a Professora de Enfermagem da Unime e do ISBA, Ceres Moraes; os pastores evangélicos aqui presentes, convidados, com certeza, pelo deputado Carlos Ubaldino; a Sr^a Presidente do Diretório Acadêmico da Unime, Viviane Andrade; a líder sindical do Sindsaúde, companheira Enalva Fontanelle; e a todos os profissionais de saúde, os enfermeiros e as enfermeiras que prestigiam a nossa Casa Legislativa; a deputada Maria Luiza Barradas Carneiro, nossa colega e parlamentar desta Assembleia.

Nos debates acirrados que temos travado nesta Casa sobre saúde pública, tenho afirmado, muitas vezes, que o ideal seria que necessitássemos menos de hospitais, de clínicas, de postos de saúde e, por consequência, de profissionais de saúde, de enfermeiros. Todavia o Estado da Bahia convive com uma grande contradição. É um Estado relativamente rico, tendo em vista que é o sexto principal produtor do Brasil, a primeira economia Nordestina, mas, infelizmente, tem os piores indicadores sociais do País. E isso decorre de um modelo econômico perverso que privilegiou uma minoria em detrimento da maioria dos baianos.

E assim o nosso Estado é o campeão nacional do analfabetismo, da pobreza, do desemprego, ainda convive com doenças que já foram, no mínimo, controladas em outras unidades da Federação, como coqueluche, sarampo, tuberculose e difteria.

Não pode ser saudável um povo que tem o segundo maior déficit de habitação do Brasil. Não pode ser saudável um povo que ostenta a dura e cruel classificação de ser o mais pobre de todos os estados do País. Não pode ser saudável uma população que convive com esses indicadores sociais, que nos envergonham.

Por isso, neste evento em que se comemora nesta Casa, por iniciativa do deputado Carlos Ubaldino, o Dia do Enfermeiro, que, na verdade, é o 12 maio, e a Semana de Enfermagem é de fundamental importância que possamos destacar que são enormes os desafios que se apresentam ao nosso governo na perspectiva da implementação de políticas públicas de saúde que possam, no mínimo, amenizar esta dura realidade vivida pelo nosso Estado.

A implementação da reforma sanitária, a consolidação do SUS, a democratização do acesso à saúde e a mudança de um modelo de assistência social são desafios que se apresentam a todos os profissionais de saúde, especialmente aos enfermeiros e enfermeiras do nosso Estado.

São mais de 100 mil enfermeiros no Brasil; temos mais de 1 milhão de profissionais de saúde. Então é impossível pensar na reversão deste quadro, na construção de uma política de saúde pública que, de fato, possa melhorar a qualidade de vida do povo brasileiro, sem que possamos contar, efetivamente, com essa nobre profissão, tanto no âmbito nacional quanto no estadual.

Quero parabenizar, em nome da Bancada do governo, o deputado Carlos Ubaldino pela iniciativa desta sessão especial que homenageia, parabeniza e destaca a importância dessa profissão. Parabenizo também o nosso secretário Jorge Solla, que vem coordenando, com um esforço extraordinário, as ações do nosso governo na perspectiva da construção de uma saúde pública de melhor qualidade no nosso Estado.

E mais do que nunca parabenizo os profissionais de Enfermagem, os enfermeiros e enfermeiras que nos prestigiam nesta tarde participando desta sessão especial em

comemoração ao Dia do Enfermeiro e à Semana de Enfermagem, datas que , de fato, devem ser motivo de destaque, debate e discussão, tendo em vista a importância que essa profissão representa para o nosso País, especialmente para o nosso Estado.

Parabéns, deputado Carlos Ubaldino, e parabéns a todos os enfermeiros e enfermeiras que prestigiam esta sessão especial.

Muito obrigado. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Carlos Ubaldino):- Registro as presenças do representante da Adesal, pastor Ricardo; do Dr. Ostílio, representando a Associação dos Amigos do Museu de Enfermagem Ana Nery; a Gecon; União da Mocidade das Assembleias de Deus, que está aqui presente, mas, quero registrar, mais uma vez, a presença da nossa guerreira, amiga, deputada Maria Luiza, que convido para compor a Mesa, com muita honra (palmas!); representante da Secretaria Municipal de Saúde de Lauro de Freitas; representante do Hospital Unimed; da Secretaria da Segurança Pública; das Obras Sociais Irmã Dulce; do Hospital Jorge Valente; do Hospital Ana Nery; do Hospital Couto Maia; do Hospital Roberto Santos.

Quero aproveitar o ensejo para agradecer à minha guerreira, minha filha, minha amiga linda, minha Débora. (Palmas!)

Quero registrar também a presença do Colégio Estadual Anísio Teixeira, da Faculdade Dom Pedro II, da Faculdade São Tomás de Aquino, da Sucab, da FIB.

Neste momento, dando sequência à nossa sessão, vamos ouvir a nossa mui digna professora Ceres Moraes, para falar pelo tempo de até 15 minutos: Habilidades e competência para o mercado de trabalho.

O Sr. PRESIDENTE (Carlos Ubaldino):- Com a palavra a professora Ceres Moraes pelo tempo de 15 minutos.

A Sr^a CERES MORAES:- Boa-tarde a todos.

Gostaria de agradecer especialmente ao deputado Carlos Ubaldino por esse convite acolhedor. Fico muito orgulhosa por estar aqui e muito orgulhosa pelo senhor ter lembrado da nossa classe, que vem sendo massacrada ao longo de tantos anos. Especialmente, eu gostaria de cumprimentar toda a Mesa, mas a Márcia Perrucho, minha amiga especial, que me fez o convite para estar aqui e conversar um pouquinho com vocês sobre um assunto de interesse de todos da classe de enfermagem.

Peço permissão à Mesa, ao Sr. Deputado Carlos Ubaldino, para estar junto ao Plenário, junto a nossa assembleia. Este bate-papo que nós vamos ter aqui será sobre novas habilidades e competências para o mercado de trabalho, assunto de interesse de todos nós enfermeiros, e as responsabilidades do ensino superior.

Do ponto de vista didático, eu acomodei essa apresentação em uma breve retrospectiva da formação do enfermeiro, depois, eu vou abordar um pouco sobre o mercado de trabalho e, finalmente, as novas habilidades e competências para o mercado de trabalho. E aí, eu trago um pouquinho do desafio dos mestres, do desafio das instituições de ensino e, também, dos desafios do enfermeiro.

Dentro da retrospectiva histórica, vamos lembrar que, em 1923, foi oficializado o ensino sistematizado da enfermagem moderna no Brasil, através de uma movimentação do Departamento Nacional de Saúde Pública que, posteriormente, se

transformou na Escola Ana Nery. Esse movimento se deu em razão das grandes epidemias que estavam ameaçando o comércio internacional do Brasil.

Houve, em 1942, uma reformulação, que foi extremamente importante para nós, enfermeiros, porque vamos ver que, de 1942, ainda herdamos algumas dessas reformulações, a exemplo da exigência do ensino médio completo de todos os candidatos a enfermagem. Além disso, a existência de um *curriculum* uniforme, estipulado em 4 anos, a presença de um diretor da escola de enfermagem, sendo enfermeiro e, além disso, os professores também teriam que ser enfermeiros. Do ponto de vista do auxiliar de enfermagem, foi exigido que eles tivessem a conclusão do curso primário, e colocado o curso do auxiliar em 18 meses.

Em 1962, houve uma nova reformulação, a duração do curso de enfermagem foi reduzida para 36 meses, houve um enfoque na disciplina de caráter curativo, modelo capitalista e, principalmente, centrado em clínicas especializadas. Em 1972 houve outra reformulação que só na década de 80 trouxe equidade, integralidade e universalidade para o profissional de enfermagem.

Em 1994 a Aben, as escolas de enfermagem e as instituições de saúde resolveram se reunir e reestudar o currículo. A partir desse momento essas instituições começaram a perceber que a enfermagem tinha que ter uma nova visão, e a formação do enfermeiro passou a ser não apenas assistencial, mas também de gerência, ensino e pesquisa. Tinha como pressuposto a educação voltada para consciência crítica e a reflexão sobre a prática profissional com compromisso com a sociedade.

A partir desse momento, percebemos um sinal de que a enfermagem se mobiliza para a questão da cidadania, do seu compromisso social e também para a questão política, que está intrinsecamente relacionada aos enfermeiros.

Em 1996 tudo mudou através da Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional, e as instituições de ensino passaram a ter autonomia para criar o currículo do curso de enfermagem.

O Conselho Nacional de Educação, em 2001, determinou que o perfil do formando teria que ser formulado com o aspecto generalista, humanista, crítico e reflexivo. O profissional teria que conhecer e intervir sobre os problemas, situações de saúde e doença – as doenças são, inclusive, mais prevalentes no Brasil - e teria que ser qualificado para o exercício da enfermagem com base no rigor científico e intelectual, pautado em princípios éticos. Isso foi fundamental! Além disso, ele deve ter a capacidade de atuar com senso de responsabilidade, compromisso e cidadania como promotor de saúde integral do ser humano.

Depois dessa breve revisão histórica da enfermagem e da atividade da enfermeira, trataremos um pouco do mercado de trabalho. Quero fazer uma análise junto com vocês, existem novas concepções sobre o trabalho do enfermeiro. Antigamente, as mulheres não tinham muitas opções de trabalho, ou eram enfermeiras, professoras, ou donas de casa e quando elas escolhiam a enfermagem o faziam por vocação. Escolhiam, queriam fazer enfermagem porque tinham um sentimento altruísta dentro delas ou pela vontade de ajudar o próximo. Essa era a razão pela escolha da profissão, mas nos dias de hoje a mulher está independente, sustenta a sua casa e os seus familiares, ela se divorcia e precisa ter independência financeira. E esse paradigma foi quebrado. Antigamente era vocação/profissão/remuneração e não é mais assim,

temos que pensar no mercado de trabalho. Hoje é profissão/competição/inserção no mercado de trabalho.

O estudante ao entrar na faculdade de enfermagem, além da vocação, ele pensa se a profissão tem ou não espaço no mercado de trabalho, e se ela vai trazer meios de o sustentar financeiramente.

O Coren me forneceu um senso atualizado do mês passado que registra a existência de 13.748 enfermeiros na Bahia. Quando verificamos a quantidade de técnicos de enfermagem e auxiliares de enfermagem temos 80.504 profissionais no mercado da Bahia. É muita gente! Somos muitos, por isso acredito que deveríamos ser mais fortes! A união não faz a força? Deveríamos ser muito mais fortes, mas não sinto essa fortaleza! E é por isso que reverencio ao nobre deputado pelo espaço que hoje ele nos dedicou, porque precisamos ter consciência da nossa importância, do nosso papel e do nosso valor.

Então, dando continuidade, abre-se um parêntese rapidamente, procuro refletir: se tem tanta gente entrando no mercado, porque há muitas faculdades novas, como sabemos, e eu questiono qual a qualidade desses profissionais de enfermagem que hoje entram no mercado. Eu tenho medo. Por que? Porque compromete a minha imagem, a imagem do enfermeiro. Eu não sei quem está cuidando de vidas dentro dos hospitais e das clínicas. Eu tenho medo de quem compromete a mim e aos meus colegas, porque eu amo enfermagem, verdadeiramente, e respeito essa profissão, porque respeito a vida humana. As pessoas que estão entrando na enfermagem têm que ter esse princípio, de respeito à vida humana. Fecho esse parêntese.

Em relação ao mercado de trabalho, eu trouxe uma fala de Lamas. Ele coloca que enfermagem teve muitas mudanças, mas o que ele disse que o que é básico para a enfermagem não é ruim para mudanças. O enfermeiro tem que buscar ser criativo nos dias de hoje, tem que buscar alternativas para sobreviver. Ele coloca também que no cenário cada vez mais existem candidatos concorrendo no mercado de trabalho e os processos de seleção se modificaram. Antigamente era mandar um currículo, fazer uma entrevistazinha e pronto, estava dentro da instituição. Hoje em dia, não. Precisa-se fazer reuniões de grupos, discussões, o candidato tem que ser cada vez mais atualizado, criativo, crítico, flexível, ter iniciativa. O departamento de Recursos Humanos exige isso dos candidatos para enfermagem.

Além disso, cada vez mais os hospitais, as instituições de saúde estão informatizados com equipamentos sofisticados de última geração e precisa que o indivíduo profissional de enfermagem que se habilite a trabalhar tem que estar atualizado constantemente, correndo atrás, porque as pessoas se desatualizam muito rápido. Hoje se compra um celular de ponta, caríssimo e amanhã ele já está desatualizado. Então, a tecnologia avança a passos largos.

Então, o que as empresas procuram nos candidatos? Vamos pensar juntos: primeiro que ele tenha uma formação complementar. Não adianta mais ser graduado, acabou o curso tem que fazer uma pós graduação. Isso é uma exigência do mercado, sim, é uma realidade. Segundo, que o enfermeiro seja polivalente, que tenha uma cultura geral boa, que leia, que seja bem informado. Terceiro, que ele seja sempre atualizado. Então, equipamentos que estão saindo de última geração, aquela bomba de infusão maravilhosa, se hoje ela está atualizada, amanhã vem outra e a coloca para trás.

Tem que pensar que a experiência vale mais do que o tempo de serviço. Antigamente, passar muito tempo dentro de uma empresa era sinal de um profissional bom. Hoje não, tem que ter muita experiência. Tem que ter uma boa aparência pessoal. Estou falando em beleza? Não, estou falando de cuidado consigo mesmo, com sua apresentação. Isso é importantíssimo.

Finalmente, o que acho importante é ambição e competência. E o que é competência? Eu trouxe uma definição interessante: a competência profissional, segundo Brito, é definida como a capacidade de articular e mobilizar conhecimentos, habilidades e atitudes, colocando-os em ação para resolver problemas e enfrentar situações de imprevisibilidade. Isso mesmo, jogo de cintura. Outro dia estava passando esse programa de Roberto Justus com os estudantes universitários, e a palavra que ele mais usa é imprevisibilidade. A pessoa tem que ter jogo de cintura para saber como se sair daquela situação, ser criativo.

E qual é o desafio do mestre? Tem bastantes. Eu sou uma professora e posso dizer isso. Vamos tentar entender um pouquinho esses desafios. O que tem observado os professores na visão de Macedo? Ele nos diz o seguinte: que as organizações curriculares fechadas, estanque, com disciplinas conteudísticas, com ênfase em assuntos técnicos. Outra coisa é a pouca abertura para outras áreas, ou seja, o conhecimento, a interdisciplinaridade bloqueada.

Outra coisa é o pouco incentivo à pesquisa. Não pode, o professor tem que estar sempre incentivando o aluno a pesquisar, a buscar, a ser curioso.

Em relação à avaliação por meio de provas, eu considero a prova algo que está em declínio. Não acho que avalia a capacidade de um aluno, porque eles colam, eles decoram. Eu, realmente, não concordo com essa avaliação.

E o mais importante: o corpo docente constituído, ainda, por muitos professores que são mestres, doutores, mas que não possuem competência como educador. Isso é seriíssimo.

Quanto à área pedagógica, também eles não possuem a perspectiva político-social. Um professor tem que ser aberto, politizado, esclarecido e tem que ser um educador, ter o dom para educar. Isso é importantíssimo, porque se não tiver isso dentro dele, não adianta. Ele vai querer ganhar dinheiro, viver daquilo, mas não vai ser um bom educador.

Uma outra coisa que o Brito trouxe, e também chamo a atenção, é que tem-se que formar enfermeiros reflexivos, com certeza. O profissional tem que ter aquela coisa do parar, analisar, contextualizar aquele assunto, parar para fazer uma avaliação, ele tem que ensinar o aluno a ser assim.

Eu trouxe um artigo muito interessante de Farias e Casagrande, que traz o aspecto sobre a formação do professor reflexivo na Enfermagem. Ele diz que tem haver interação entre o professor e o aluno e uma corresponsabilidade pelo aprendizado, tem que haver diálogo entre o professor e o aluno, tem que haver respeito, coisa que não se vê mais. Hoje em dia o professor não é mais respeitado dentro da sala de aula, ele não tem expressão e isso tem que haver, ele tem que cativar o aluno para que confie nele, para que ele possa, de fato, passar o que tem de melhor para o aluno.

Tem que ter o espaço físico adequado.

E ele tem que ter, também, uma redefinição dos objetivos da própria aula. Tem

que ter debate, análise de leitura, informações trazidas pelo grupo. Hoje em dia o professor fala: “Vou dar uma aula em que o assunto vai ser o seguinte:...” O aluno entra na internet e pesquisa tudo e vai ensinar ao professor. Acabou aquela coisa de que o professor é detentor de conhecimento apenas, ele é, simplesmente, o instrumento. Ele não pode se achar o conhecedor de tudo, porque ele não é. Ele vai discutir, vai conversar e vai levar o aluno a pensar. Tem que implantar técnicas participativas, ele tem que aprender e ensinar com os erros, que fazem as pessoas crescerem. Ele não pode ser mais ditador como era no passado.

E eu vou trazer também aqui, ainda, desse mesmo autor uma coisa que ele coloca de forma muito interessante. A formação do professor, segundo a concepção reflexiva, pressupõe o seu desenvolvimento para que ele seja capaz de ser autocrítico. Ele precisa estar parando para se analisar, para julgar seus erros e avaliar o que está produzindo.

Esse mesmo autor coloca algumas competências, que são: empíricas, para saber o que está acontecendo na sala de aula; analítica, ele tem que interpretar o que está havendo; avaliativa, para ele julgar e ter um juízo daquilo que vê; estratégia, para saber implementações sobre o que está vendo dentro da sala; práticas, para estabelecer relação entre a análise e a prática; e comunicação, passar isso para novos formadores de opinião, que são novos professores.

A questão da formação do formador de opinião. O professor é um formador de opinião. Não adianta, e é difícil, como disse Pernoud, separar onde começa o professor e acaba o ser humano, porque uma coisa está ligada à outra. Eu tenho minhas crenças, meus sentimentos, meus pensamentos e é difícil separar isso daquilo. Eu sou professor e sou mãe, filha, tia.

Então as coisas se relacionam, estão interligadas...

O Sr. PRESIDENTE (Carlos Ubaldino):- Para concluir. A senhora está sendo muito eficiente na explanação, mas tem 1 minuto.

A Sr^a CERES MORAES:- Muito obrigada, nobre deputado.

Na verdade, a questão do professor é que ele tem de ser sobretudo ético porque a ética é um lastro para a nossa profissão, que cuida de vidas.

As instituições de ensino têm um desafio, pois o processo de formar enfermeiros reflexivos é extremamente complexo. Uma das tarefas mais importantes na prática educativa é dar condições aos alunos em suas relações interpessoais, tornando cada um deles um ser humano histórico, pensante, comunicador, etc. Cabe às instituições de ensino aplicar um processo de formação de profissionais críticos. Fernandes traz aquilo que já foi dito sobre a importância de criar alunos e professores com uma ação reflexiva e crítica.

Sordi Berganato diz que para que a formação na área possa dar o salto quantitativo proposto há necessidade de que algumas rupturas ocorram.

Essas rupturas seriam a criação de novos paradigmas que esclareçam o que se entende por ciência. O que é Enfermagem? Enfermagem é uma ciência? Ainda existem muitas dúvidas e dificuldades de se traduzir essa profissão. Reorganização do trabalho pedagógico aproximando discussão e ação? Fala-se muito nisso, coloca-se muita coisa, mas e a ação? Vamos ver o que está acontecendo. A coisa não está realmente acontecendo como nós gostaríamos que fosse.

Uma outra coisa que acho interessante, a incorporação da avaliação econômica

e da bioética nos currículos. Isto é muito importante, bioética. Bio é vida, então ética da vida. A bioética tem de estar presente em todo o curso do enfermeiro, do técnico e do auxiliar.

A desospitalização do processo de ensino-aprendizagem. Acho a iniciativa da Unime maravilhosa, pois vai ter uma clínica onde se pode atender realmente. Os alunos podem fazer o atendimento dentro da própria universidade. Isso é fantástico! Quando Márcia me contou, eu fiquei apaixonada pelo programa e acho que é uma coisa que vai deixar um legado muito grande para a Bahia. A aprendizagem baseada em problemas de evidências, direcionada para a seleção de competências cognitivas, a adoção de transdisciplinaridade, estímulo à investigação, ou seja, essas são tendências do novo educador, da nova instituição de ensino.

Os estágios curriculares são de grande responsabilidade. Nós temos visto algumas dificuldades porque o aluno aprende tudo certinho na faculdade, corre para ir ao campo de estágio e lá não encontra material, equipamentos, condições de colocar em prática aquilo que ele aprende. Então, é obrigação da instituição de ensino ter uma aproximação com uma instituição de saúde que forneça esses meios para que esse estágio obrigatório curricular aconteça nas melhores condições possíveis.

Este é um pensamento meu que eu trouxe em relação à instituição de ensino: despertar o aluno para o valor da profissão. Tem de amar a Enfermagem, gostar de cuidar de gente, de ver doente, gente doente ficando boa e tem que aprender a ver as pessoas partindo desta vida para outra. Quem é da Enfermagem não pode se furtar a ter responsabilidade social, a estar envolvido com política. Ele tem que ter a ciência e a faculdade. Instituição de ensino tem que ensinar isso para o aluno.

A instituição de ensino tem que atrelar todo curso à ética profissional, despertar no aluno o valor da imagem profissional e do *marketing* pessoal. A flexibilidade e a adaptabilidade estavam sendo tidas como característica importantíssima para o enfermeiro moderno.

A questão política, a enfermeira com competência política: ela tem de se envolver, estar aqui neste momento como eu estou nesta oportunidade falando sobre essas questões, tem que saber o que é cidadania.

Mas eu gostaria, nobre deputado, de mais um minuto, de trazer algo muito importante – é uma fala de Dallari, em que ele diz que existem barreiras culturais para nós aprendermos a ser cidadãos.

Nós temos várias barreiras para isso. O brasileiro tem barreiras. Mas por quê?

(Lê) *“Somos filhos e filhas de uma nação nascida sob o signo da cruz e da espada, acostumados a apanhar calados, a dizer sempre sim, senhor!, a engolir sapos, a achar normal as injustiças, a termos um jeitinho para tudo, a não levar a sério a coisa pública, a pensar que o direito são privilégios e exigi-los é ser boçal, é ser metido; é pensar que Deus é brasileiro, e se as coisas estão como estão é por vontade d'Ele.”*

É por isso, deputado, que nós ainda não temos a consciência crítica e política que precisamos ter. Mas eu ainda não terminei. Desculpem. Só mais um minuto. (Palmas)

Obrigada.

A competência política do enfermeiro aborda os seguintes aspectos: reconhecer a força da classe, lutar por melhores condições de trabalho, sindicalizar-se. Olhem,

procurei saber da Lúcia e vi que não existem 5% de enfermeiros sindicalizados. Como é que pode ter força uma classe que não está atenta, gente? É por isso que é tão difícil conseguir um piso salarial, é por isso que é tão difícil conseguir 30h. As pessoas não estão envolvidas com a política. E a saúde é um direito de todos os indivíduos, nós temos que entender isso e procurar ajudar a nossa categoria, para que o estado possa realmente nos dar essa condição.

Temos que fazer a nossa parte. É considerar a importância e o valor do Conselho Regional de Enfermagem, do Conselho Federal e da OAB. Nós temos que estar atentos. Não podemos aceitar determinadas imposições das empresas que nos contratam. É estarmos atentos a isso também.

Quase finalizando...

O enfermeiro tem que buscar o seu saber, tem que gostar do que faz, sair daquele modelo de copiar o médico – está a sistematização de enfermagem aí.

O enfermeiro tem que saber o que é ética. Se ele macula a sua imagem profissional, acabou para ele. Não é como um sabão em pó que é vendido e, se não der certo, troca-se o nome e a caixa, e tenta-se vendê-lo com uma nova imagem. No caso do enfermeiro, se ele mancha a sua imagem, ele acaba com a condição de se sustentar.

Então, percebam que a imagem profissional vale ouro! Tenham os enfermeiros cuidado desde a sua apresentação até o que colocam em público. Eu não vou falar que eu sou uma pessoa ideal, mas existem algumas considerações pelas quais o enfermeiro deve zelar: atualizar-se constantemente, ter uma boa relação interpessoal, zelar pela reputação pessoal e profissional, e lembrar que imagem profissional está ligada a marketing pessoal que, por sua vez, está ligado a empregabilidade e que, por sua vez, está ligado a condição de uma vida decente, a dinheiro no bolso.

Era isso o que eu tinha a dizer.

Muito obrigado. (Palmas.)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Carlos Ubaldino):- Quero registrar a presença da deputada Ângela Souza que está conosco. (Palmas)

Antes de conceder a palavra à diretora do Sindsaúde Inalba Fontenelle para fazer o seu pronunciamento, quero dizer do tamanho da minha alegria em poder contribuir para que este momento acontecesse.

Por certo Solla externou ali – e eu gostaria de falar por último, mas tive a felicidade de falar por primeiro. Em mim, se vocês colocarem um termômetro, virão que só existe o desejo de ver as coisas acontecerem.

Eu estava olhando o tamanho do esforço de Mário Naziff com o Projeto 2.295/00 em que luta pela redução da carga horária e também pelo piso salarial, tão merecido!

Vamos dar sequência ouvindo a diretora do Sindsaúde pelo tempo de 5 minutos.

A Sr^a INALBA FONTENELLE:- Boa-tarde a todos. Queria saudar o deputado Carlos Ubaldino por essa convocação tão importante e trazer para vocês a palavra de uma das representações sindicais da enfermagem.

Meu nome é Inalba, sou representante do Sindsaúde/Bahia, que significa Sindicato dos Trabalhadores em Saúde do Estado da Bahia, um sindicato público. Temos também o Sindicato dos Enfermeiros, que representa também a rede privada.

Pergunta-se por que estamos divididos. Não é que nós nos dividimos, é que nós conquistamos espaço.

Os trabalhadores, até a Constituição de 1988, não tinham direito a organização sindical. Éramos organizados através de associações, junto com os outros sindicatos de categorias já existentes, e lutávamos indiretamente. A partir de 1988, com o avanço da Constituição, com o espaço democrático aberto para a sociedade de maneira geral, foi aberta também essa possibilidade para os trabalhadores.

Queremos dizer que como representantes do serviço público, primeiro, entendemos que somos trabalhadores. Tudo que foi trazido aqui nos traz a consciência de que nós somos trabalhadores. E quando falamos como trabalhadores não podemos deixar de falar na relação capital/trabalho. Essa relação de nossa sociedade significa exploração, não valorização da nossa mão-de-obra, da nossa força de trabalho.

Em particular, trazemos a questão da enfermagem com a voz, com a presença, com o semblante feminino. A categoria vem avançando com os homens participando, mas ainda temos a enfermagem com feição feminina do cuidado, do doar-se. Isso também deve ser transformado em luta, em conquista, em avanços, em afirmações.

Trazer a comemoração desta data para esta Casa simboliza também reconhecer o trabalho importante que as mulheres hoje, em todos os campos, as deputadas, as enfermeiras, as donas de casa que vêm conquistando e se afirmando como trabalhadoras e como mulheres. Por isso, quando a enfermagem fala na redução da jornada, parece que a gente quer trabalhar menos, mas nós queremos o reconhecimento da demanda que é o serviço de enfermagem, o lidar com vidas, o dia a dia estressante nas unidades, na prevenção da saúde, a importância que tem essa mulher. Ela precisa estar bem, precisa também cuidar de sua casa, dos seus filhos, que sustentam essa nação. Por isso a importância da luta pela jornada de 30 horas.

Trazemos uma particularidade, e nós vivemos isso. As trabalhadoras, as enfermeiras, os trabalhadores do serviço público já conquistaram as 30 horas, temos o Estatuto do Servidor. Isso faz com que a gente encampe essa luta, abrace-a e veja que é possível essa conquista, que temos todos que estar unidos. A gente não coloca a questão de redução de salário, de outros direitos, pelo contrário, nós queremos avançar. A questão das 30 horas para a enfermagem, oficializando-a como profissão geral, significa um avanço, uma conquista, a valorização e o reconhecimento de que o trabalho em enfermagem tem algo muito diferenciado, não é mais importante, mas é muito diferente o lidar com o sofrimento, com as alegrias do nascimento e com a morte.

Quero dizer também, como representante do sindicato na área pública, que o secretário colocou aqui, reconhecemos algumas conquistas que esse plano trouxe, mas não podemos deixar de reconhecer que temos muito que avançar. Existe ainda uma diferença muito grande entre os profissionais na área pública, os salários são aviltados, e ainda vivemos muito à base de gratificações.

Esperamos que com esse plano e a ajuda desta Casa, que foi tão importante em janeiro – o deputado Waldenor chegou a dizer “calma, Enalva”, no dia em que se acirraram os ânimos, uma valorização profissional. Isso não quer dizer que vamos trabalhar melhor, se ganharmos melhor, mas é preciso reconhecer, remunerar bem quem lida com a vida e precisa também viver bem para poder tratar dos outros.

Então queremos dizer que a união de todos os trabalhadores, principalmente na

enfermagem, seja na conquista das 30 horas, seja na dignidade da pessoa humana, pois não podemos esquecer o usuário, o paciente – como cada um queira chamá-lo – o ser que precisa de cuidado também – é importante, pois temos que lutar para que o direito à saúde seja cada vez mais amplo e uma conquista de todos, com o desempenho de nossas funções e a valorização e o reconhecimento profissional, com salários dignos e condições adequadas de trabalho.

Quero parabenizar, mais uma vez, o deputado e desejo que todos ouçam o excelente conselho da professora: Sindicalizem-se, associem-se, participemos do processo democrático na organização e na luta pelos nossos direitos.

Um abraço a todos. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Carlos Ubaldino):- A nossa programação só pode perdurar até às 18 horas, entretanto iremos terminá-la antes.

Concedo a palavra, pelo tempo de 10 minutos, à professora Márcia Ferrucho para fazer um pronunciamento sobre responsabilidade do Instituto de Ensino Superior.

A Sr^a MÁRCIA PERRUCHO:- Boa-tarde-noite!

Obrigada Dr. Carlos Ubaldino, proponente desta sessão solene, muito obrigada a todos os presentes.

Saúdo a todos os membros da Mesa, o nosso secretário da Saúde, Dr. Jorge Solla, ausente, que já compartilhou comigo algumas trajetórias na enfermagem, aos presentes a esta Plenária, aos meus alunos da Unime e a todos alunos de outras instituições de ensino superior.

É um prazer muito grande estar aqui. Em especial, gostaria de agradecer ao próprio deputado Carlos Ubaldino o convite que nos fez por intermédio de sua filha, o qual foi muito bem recebido. Ela já está se formando e, mesmo que esteja com seu certificado, será sempre uma aluna.

A programação deste evento foi elaborada com muito critério. Toda a temática discutida aqui hoje foi para homenagear a nossa categoria. Quero deixar registrado que esse evento não é pessoal, é evento coletivo e não tem nenhum vínculo de valorização pessoal de nenhuma das personalidades que aqui estiveram presentes.

O principal objetivo dele foi, sim, marcar o dia 12 maio, dia do nascimento de Florence Natingale, que é a mãe da enfermagem no mundo e, reconhecidamente, a primeira enfermeira a institucionalizar a enfermagem como categoria profissional, na Inglaterra. Ela nasceu no dia 12 e faleceu no dia 20. Então o mês de maio é o mês da enfermagem e também o do falecimento de D. Ana Nery, nossa querida enfermeira baiana, de Cachoeira.

Essa programação vem trazer a todas as instâncias – alunos e profissionais – uma discussão sobre a nossa inserção política, a nossa participação como cidadãs na luta pela melhoria da categoria.

Então, trouxe um evento com o nome: “Reafirmar a valorização do exercício profissional de enfermagem é afirmar a luta pela vida”. Enfermagem e a luta pela vida é o tema central da Associação Brasileira de Enfermagem – Aben – neste ano de 2009. Acredito, que lutar pela vida e lutar pela valorização da categoria profissional estamos falando também da mesma coisa. Uma vez que não podemos ter profissionais que têm

uma jornada de trabalho excessiva, e a nossa colega Enalva já me antecipou fazendo algumas colocações que eu vou reforçar, vou ratificar, fico muito feliz com as suas palavras.

Eu tenho 21 anos de enfermagem e desses 21 anos, 18 anos dentro de Unidade de Terapia Intensiva. Nesses 18 anos estive ausente da vida familiar dos meus filhos; nesses 18 anos eu adquiri três hérnias de disco, sou lesionada do trabalho em função da excessiva jornada de trabalho.

Então, não estou aqui defendendo nenhuma instituição autárquica da enfermagem, apesar de estar vinculada à Aben e ao sindicato como associada, exercendo o meu dever de cidadã. Mas estou aqui como uma cidadã que passou por essa trajetória de trabalho e que o mínimo que posso fazer é lutar por ela e mostrar aos meus alunos, como formadora de opinião, dizer a eles que o papel que temos, além de técnico de qualidade, é também de luta, porque se não lutarmos pela nossa categoria, quem irá lutar?

No ano 2000, bem lembrado pelo deputado Carlos Ubaldino, há um projeto de lei que foi formado nesse momento, e o deputado Mauro Nazif, da Bancada de Porto Velho, Rondônia, retoma essa luta. É isso que queremos discutir aqui, este fórum, este momento de reunião em que estamos aqui é para discutir a nossa jornada de trabalho de 30 horas. No dia 25 de março houve um movimento em Brasília, diversas caravanas representando a enfermagem partiram de todos os cantos do Brasil e se fizeram presentes cerca de 2500 pessoas, manifestando o seu interesse e mostrando a cara para que possamos aprovar esse projeto.

E aqui estou na presença dos diversos deputados que se encontram na plenária, daqueles que nos ouvirão futuramente da repercussão deste movimento para mostrarmos que temos força. Somos hoje no Brasil cerca de um milhão e meio de pessoas registradas no Cofen. Então, obviamente, todos têm que estar registrados, esses dados são corretíssimos, quase um milhão e meio de brasileiros representam a enfermagem no Brasil. Somos muitos, não é, gente? E por que não utilizamos do nosso poder, da nossa força para lutar por essas 30 horas que tanto queremos? E não só as 30 horas, pelo nosso piso salarial (Palmas); porque a jornada de 30 horas é importante. As 30 horas vão nos permitir oferecer uma assistência qualificada.

Quando Enalva lembra que não é para a gente ficar com menos tempo de trabalho, nem se eximir da responsabilidade que nos é dada pelo trabalho, não. É simplesmente para termos oportunidade de oferecer trabalho mais qualificado, porque um profissional, principalmente o técnico e o auxiliar, trabalha SN saída, SN saída – SN é serviço noturno para quem ainda não está habilitado para essa nomenclatura, isso é uma escala – SN saída, SN saída, folga, depois de 48 horas. Às vezes, se precisar retornar, ele sai de manhã, às 7 da manhã, e retorna às 19 horas – SN SN. Isso significa que ele sai de manhã, tem 12 horas para se recuperar para trabalhar de novo, quando não trabalha dobrando. Então, gente, não tem como um corpo físico sustentar-se. Não tem como você oferecer, quer seja no âmbito da rede privada, da saúde pública, cuidar com qualidade. Cuidar é nossa práxis. Os alunos e as nossas colegas de enfermagem sabem que o nosso objeto de trabalho é o cuidado humano. Como ofereceremos cuidado qualificado se não cuidamos do próprio corpo? É cuidar-se para cuidar. Isso é autoestima, melhoria de sua valorização pessoal, com o piso salarial que precisamos.

Porque, se formos observar, muitos dos profissionais que hoje atuam na área de enfermagem, tem condições de vida sociais precárias. Com o salário que ganham, ter o mínimo para poder ir trabalhar.

Então, fica aqui o nosso apelo, para que os presentes reproduzam tudo que ouviram aqui, busquem, junto aos seus pares, lembrar de que somos maioria na equipe de saúde – não é colegas? A enfermagem representa, entre os 14 membros que compõem uma equipe de saúde, também a maioria. Eu não poderia enumerar, porque não saberia de todos, mas entre médicos, assistentes sociais, fisioterapeutas, odontólogos, terapeutas ocupacionais, nós somos maioria. E, como maioria, temos um grande número de profissionais que pode lutar por essa causa.

Além disso, gostaria de deixar registrado aqui a forma com que nós elaboramos este evento. Tínhamos uma ideia de trazer à baila, à discussão, toda essa temática, com a presença das nossas colegas, das representações do Conselho Regional de Enfermagem, da Aben e do sindicato, mas, infelizmente, não houve possibilidade de as instituições listadas se fazerem presentes. Mas queremos dizer que essa luta não é de uma instituição. Esta luta é nossa, dos cidadãos, de cada um que possa fazer o seu papel. Portanto, vamos cobrar dos nossos deputados, dos nossos vereadores, daqueles que nos representam em todas as instâncias de governo, quer seja no âmbito municipal, estadual ou federal, porque eles foram eleitos para nos representar, para exercerem o desejo do povo.

Tudo isso que foi dito, inicialmente, sobre agentes políticos de transformação, cidadania, a participação do docente, do mestre, é para instigar as pessoas que estão aqui, à discussão, porque, de fato, cada um sente a dor do trabalho que tem. Tenho certeza de que muitos dos alunos de enfermagem que estão aqui, estudantes universitários, já são profissionais de nível médio, e dão “nó” no corpo para conseguir concluir o curso de graduação, porque, com a jornada de trabalho que eles têm, nem tempo para se capacitar com qualidade, eles conseguem.

Então, deputado Carlos Ubaldino, mais uma vez reitero meus agradecimentos. Parabenizo a iniciativa de lembrar-nos, profissionais de enfermagem, que, com muita excelência, buscamos oferecer qualidade à população de assistência. Nós sabemos que o objetivo da assistência deverá ser a promoção e a prevenção, e a reabilitação fica em segundo plano. Daí o curso – tenho que trazer isso à baila – que coordeno na Unime ter uma particularidade, que é atender as demandas e formar profissionais para o SUS. A sua meta é formar pessoas para cuidar de pessoas. Profissionais éticos, com consciência do que é cidadania, que tenham formação e competência técnica, mas, antes de tudo, com competência emocional. Pessoas que saibam onde estão inseridas, que conheçam a postura com a qual devem estar inseridas nesse mercado.

Como a colega Ceres disse, a Enfermagem tem que aparecer; o *marketing* pessoal vai da sua apresentação política, da sua manifestação.

Conheço, por exemplo, vários políticos que são enfermeiros, mas alguns deles não sinalizam, não deixam registrado a sua profissão. Eu pergunto: por que agem assim, já que têm uma profissão tão linda? Eu amo ser enfermeira. Enfermagem para mim é a minha ideologia.

Agradeço a todos. Boa-noite. (Palmas.)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Carlos Ubaldino):- Antes de ouvirmos os agradecimentos de Débora, quero aproveitar para dizer que, se pudesse, eu sairia com uma bandeira defendendo essa categoria por 24 horas.

Ao registrar a presença de Heber Santana, aproveito o ensejo para dizer a todos os senhores que sou autor de alguns projetos de lei nesta Casa que defendem a saúde. Um deles obriga o governo a criar helipontos nos grandes hospitais de Salvador. Tivemos a felicidade de visitar, nesta semana, o HGE, quando Solla me apresentou a quadra onde vai criar o heliponto daquele hospital. Esse procedimento é muito importante, considerando-se o cruciante o movimento no horário de pique, por isso esse projeto de lei.

Apresentamos também um outro projeto de lei que obriga o governo a colocar dentro dos hospitais profissionais de Libras - Língua Brasileira de Sinais, para interpretar o momento de agonia dos mudos, que são seres humanos como nós.

Ouviremos agora Débora Santana. Depois faremos um louvor de adoração a Deus e encerraremos a nossa sessão.

A Sr^a DÉBORA SANTANA:- Boa-noite. Quero, em nome da professora Márcia Perrucho, das minhas colegas que me ajudaram na luta por este evento, agradecer ao deputado Carlos Ubaldino, que é o proponente da sessão, à professora Ceres Moraes, a Enalva e aos demais deputados aqui presentes.

É muito emocionante para mim, até porque estou terminando esta profissão. Acho que é uma luta de todos nós, não é minha, não é do deputado. Considero que não temos de segurar sozinhos essa bandeira, pois ela é de todos. Por isso fiz questão de ir a todas as faculdades, a todos os hospitais com o objetivo de convidar para estarem aqui.

Então agradeço a todas as faculdades que se fizeram presentes, ao pessoal das Galerias, todos fardados, aos hospitais que também estiveram aqui, ao pessoal do Hospital Roberto Santos – do qual faço parte –, que comigo andaram, correram e, assim, fizemos juntos um sonho, que foi o de fazer aqui na Assembleia Legislativa o primeiro encontro de Enfermagem, na luta pela nossa qualidade de vida. Eu, que trabalho na área e já estou nessa luta, reconheço que a luta dos enfermeiros, dos auxiliares, dos técnicos é grande, então temos de buscar a melhoria e a dignidade do profissional. E nessa dignidade vamos ter a redução da nossa carga horária, mas, para isso, temos de lutar.

Então, deixo aqui o meu abraço, o meu apreço por todos. E vamos continuar nessa luta, que ela não acabe aqui, que seja divulgada em todas as faculdades. Existe o voto pela internet, quem não assinou há uma lista passando aqui, então, vamos à frente, vamos lutar, porque a vitória é nossa. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Carlos Ubaldino):- Vamos ouvir a jovem louvando a Deus e, depois, estaremos fazendo o encerramento da nossa sessão, mas queremos dizer a todos os presentes que esta sessão está sendo transmitida para cerca de 3800 lares, que estão acompanhando a nossa sessão.

Esta é a primeira de muitas que eu creio que vão acontecer, porque o silêncio de

vocês, na política é assim, se você silencia, constatamos que você está satisfeito. Então, nós temos que abrir a boca e dizer aquilo que queremos.

Vamos ouvir o louvor de adoração a Deus.

(Apresentação Musical.)

O Sr. PRESIDENTE (Carlos Ubaldino):- Antes de encerrar se faz necessário esclarecer que a redução da carga horária é sem perda de salário. Observem bem, estamos lutando pelo piso salarial do enfermeiro; jornada de trabalho: redução de 44 para 30 horas devido ao cargo que, inclusive, parece... fui informado que existem categorias que não recebem a insalubridade.

Já se manifestaram vários estados da Federação, que estão batalhando, e a Bahia não pode silenciar sua voz.

Em nome do Poder Legislativo da Bahia, agradeço as presenças das autoridades militares, civis e eclesiásticas, dos Srs. Deputados, da imprensa e declaro encerrada a presente sessão.

*Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/sessoes.cfm>. Acesse ao caminho **Atividades Parlamentares - Sessões Plenárias** e leia-as na íntegra.*